

Os Puritanos

Paul Richard Wilkinson

* Extraído com permissão autoral do livro “For Zion’s Sake” (Por Amor de Sião), de Paul Richard Wilkinson.

** O referido livro foi recentemente relançado com o título “Understanding Christian Zionism”.



CAPÍTULO 5 OS PURITANOS

Em seu livro, *As Boas Novas de Israel* (1688), Anders Pedersen fez a seguinte acusação contra a igreja: “Vocês, cristãos pagãos, deixaram-se persuadir por falsos mestres... para acreditar que os judeus foram para sempre deserdados e rejeitados por Deus, e que vocês seriam agora o legítimo Israel cristão com direito à posse eterna da terra de Canaã”.¹ À luz dessa acusação, examinaremos agora até que ponto o Sionismo Cristão pode ser rastreado ao longo da história pós-Reforma da igreja Protestante.

A IGREJA PÓS-APOSTÓLICA

Embora a igreja estivesse “longe de estar resolvida”² sobre as questões de escatologia durante o período pós-apostólico, há um consenso geral entre os estudiosos de que as primeiras interpretações cristãs da profecia bíblica eram predominantemente pré-milenistas. O historiador E. B. Elliot admite que durante os primeiros quatro séculos da igreja, os 1260 “dias” da profecia de Daniel foram interpretados literalmente.³

No entanto, com o surgimento no segundo século da escola alegórica de Clemente em Alexandria, a influência dos alegoristas *par excellence*, Orígenes e Agostinho, e a legalização do Cristianismo por meio de Constantino, o pré-milenismo foi suplantado por escatologias amilenistas e, mais tarde, pelas escatologias pós-milenistas. Como Kromminga resume: “Desde Orígenes, o quiliasmo [pré-milenismo] não possuiu nenhum defensor de primeira linha na Igreja antiga; desde Constantino, o Grande, não possuiu representação literária; desde Agostinho, seu domínio sobre as pessoas comuns diminuiu.

Esse afastamento da fé da igreja primitiva tornou-se “completo”⁴ durante a Idade Média, quando o amilenismo deu suporte não apenas ao dogma da Igreja Católica Romana, mas também à teologia dos primeiros catecismos, cânones e confissões Protestantes. Foi somente no final do século 16 que a crença no retorno pré-milenar de Cristo, juntamente com um interesse escatológico em “Sião”, foi reavivada.

¹ “Quoted in Brearley, *Jerusalem in Judaism*,” 109.

² John F. Walvoord, *The Rapture Question*, 2nd ed. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1979), 156.

³ Elliott, *Horae Apocalypticæ*: Vol. III, 229-30..

⁴ Diedrich H. Kromminga, *The Millennium in the Church: Studies in the History of Christian Chiliasm* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1945), 102, 164.

APOCALIPTICISMO NA IDADE MÉDIA

Descrito como “a figura mais proeminente entre os expositores medievais da profecia”, o abade cisterciense do século 12, Joachim de Fiore (c.1130-1202), interrompeu a maré alegórica do donatista, Tichônio, cujo Livro de Regras foi popularizado por Agostinho de Hipona e sustentou o dogma católico romano por séculos. Tichônio cria que um milênio havia sido inaugurado na primeira vinda de Cristo, e que expiraria em seu retorno em 381 d. C.. Não haveria nenhum reinado literal de Cristo de mil anos, portanto, uma vez que a Igreja de Roma era o reino de Deus na terra.⁵

Embora a tendência para uma interpretação mais literal e histórica da profecia tenha começado no século 9 com o monge beneditino, Berengaud,⁶ ela se desenvolveu nos escritos dos séculos 12 e 13 de Anselmo de Havelberg e Albertus Magnus, e nos escritos do século 14 de Nicolau de Lyra. A influência de Joachim, no entanto, foi de longe a mais duradoura, particularmente sua divisão trinitária da história nas dispensações do Pai (começando com Adão), do Filho (começando com João Batista) e do Espírito Santo (começando no ano 1260).

Joachim equiparou a dispensação do Filho aos 1260 “dias” de Daniel. Seus seguidores mais notáveis, conhecidos como Franciscanos Espirituais,⁷ colocaram em circulação autênticos e espúrios manuscritos joachinianos por toda a Europa durante a Idade Média. Um “vidente estudante de profecia”, que invocou as escrituras apocalípticas e as fontes joachinianas⁸ para dar um significado profético às suas viagens de descoberta, foi Cristóvão Colombo (1451-1506).⁹

A crença de Joachim de que os eventos históricos registrados no Apocalipse “elevaram a história a um supremo lugar de importância”,¹⁰ abrindo caminho para a teoria “dia-ano” que predominaria entre os estudiosos protestantes até o século 19. Ele também acreditava que a era vindoura do Espírito testemunharia a reconciliação dos judeus com os cristãos, com o povo judeu sendo “parte integrante”¹¹ de seu sistema teológico. A dignidade que ele conferia aos judeus, juntamente com seu quase pós-milenismo, contrastava fortemente com o amilenismo agostiniano, que injetou o antissemitismo na igreja.

Richard Bauckham sugeriu que o apocalipticismo inglês “era eclético no uso de muitas tradições medievais e interagiu intimamente com o pensamento protestante do Continente europeu”.¹² No final do século 14, quatro tradições apocalípticas medievais foram revisadas, a saber, (I) a *lenda* do Anticristo,¹³ (II) a espiritualização dos comentários sobre Apocalipse baseados em grande

⁵ Le Roy Edwin Froom, *The Prophetic Faith of our Fathers*: Vol. I (Washington, D.C.: Review and Herald, 1950), 683, 893.

⁶ Elliott, *Horae Apocalypticae*: Vol. III, 232-33.

⁷ Marjorie Reeves, *Joachim of Fiore and the Prophetic Future* (London: SPCK, 1976), 29-30.

⁸ Paul Boyer, *When Time Shall Be No More: Prophecy Belief in Modern American Culture* (Cambridge, MA: Belknap Press, 1999), 225, 56

⁹ Colombo procurou adquirir ouro suficiente do Novo Mundo para restaurar Jerusalém a Cristo e, assim, inaugurar o milênio. (The Oxford Companion to the Bible, Bruce M. Metzger e Michael D. Coogan, eds. [Oxford: Oxford University Press, 1993], 355.) Três séculos antes, Ricardo Coração de Leão havia conferenciado com Joachim em Messina antes de tentar expulsar Saladino de Jerusalém, por ter sido identificado como o Anticristo.

(Boyer, *When Time Shall Be No More*, 51.)

¹⁰ Froom, *The Prophetic Faith*: Vol. I, 695..

¹¹ Robert E. Lerner, *The Feast of Saint Abraham: Medieval Millenarians and the Jews* (Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2001), 120, 3.

¹² Richard Bauckham, *Tudor Apocalypse* (Oxford: The Sutton Courtenay Press, 1978), 49-50.

¹³ Baseado na “biografia” do Anticristo do século 10 pelo abade francês Adso, intitulada *Libellus de Antichristo* (“Pequena obra sobre o Anticristo”). Adso acreditava que o Anticristo seria um judeu da tribo de Dã que um dia governaria de Jerusalém.

parte em Tichônio, (III) a tradição joachiniana e (IV) o apocalipticismo de John Wyclif e dos Lolardos. A maioria dos reformadores do século 16 identificou o Anticristo com o papa ou com a instituição papal. Essa crença era central para a teologia dos reformadores protestantes,¹⁴ embora não ganhasse status confessional até 1615, quando os artigos irlandeses, redigidos por James Ussher (1580-1656), foram ratificados pela Convocação da Igreja da Irlanda.¹⁵

O historiador, dramaturgo e bispo de Ossory, John Bale (1495-1563), foi “um dos mais vigorosos e prolíficos escritores da propaganda protestante da primeira geração da Reforma”¹⁶ – e estabeleceu o padrão para o estudo do Apocalipse no século 16 na Inglaterra com seu livro, *A Imagem das Igrejas* (c.1545). O delineamento de Bale de uma igreja falsa e verdadeira deu o tom para a exegese protestante, enquanto sua escatologia amilenista, enraizada na tradição agostiniana dos reformadores, permaneceu “virtualmente incontestada” até 1640.

Seu trabalho preparou o caminho para apocalípticos como o inventor dos logaritmos, John Napier (1550-1617), cuja abordagem matemática da Bíblia injetou um elemento mais preditivo na exposição puritana da profecia.¹⁷ Em seu livro, *Uma Clara Descoberta de todo o Apocalipse de São João* (1593), Napier não apenas fez distinção entre a igreja falsa e a igreja verdadeira, mas também esboçou sete dispensações que, defendia ele, culminariam em uma futura era de paz. No continente europeu, o século 16 foi caracterizado por “uma teologia da perseguição e uma teologia da história”.¹⁸ Norman Cohn sugere que, entre o final do século 19 e a primeira metade do século 16:

...aconteceu repetidas vezes na Europa que o desejo dos pobres de melhorar as condições materiais de suas vidas foi transferido para fantasias de um novo Paraíso na terra, um mundo livre do sofrimento e do pecado, um Reino dos Santos.¹⁹

Líderes carismáticos versados na literatura apocalíptica foram capazes de reunir a classe camponesa desencantada com sua causa, durante uma época em que prevalecia a “miséria econômica e opressão política”.²⁰ De acordo com Garrett, uma das razões pelas quais as crenças milenares têm permanecido é que elas têm servido como “uma explicação reconfortante de eventos e condições que de outra forma seriam ameaçadores e incompreensíveis”.²¹ Os carismáticos mais radicais, influenciados pelos escritos de John Wyclif, Jan Hus e Jerônimo de Praga, criam que foram comissionados por Deus para inaugurar uma nova era.

A tradução da Bíblia para o inglês por Wyclif (c.1382) abriu o caminho para a tradução de William Tyndale do Novo Testamento para o inglês em 1525/6 e a de Myles Coverdale em 1535. Uma nova era havia surgido, a Bíblia havia sido “desenterrada da negligência de séculos”²² e, por meio da revolução da impressão, tornou-se acessível ao povo. As Escrituras logo ocuparam um

¹⁴ Christopher Hill, *Antichrist in Seventeenth-Century England* (London: Oxford University Press, 1971), 7-31.

¹⁵ Gribben, “*Introduction: Antichrist in Ireland*,” 6.

¹⁶ Bauckham, *Tudor Apocalypse*, 21.

¹⁷ Crawford Gribben, *The Puritan Millennium: Literature and Theology 1550-1682* (Dublin: Four Courts Press Ltd., 2000), 38, 42. i.

¹⁸ Bauckham, *Tudor Apocalypse*, 31, 13.

¹⁹ Norman Cohn, *The Pursuit of the Millennium* (London: Secker & Warburg, 1957), xii

²⁰ P. G. Rogers, *The Fifth Monarchy Men* (London: Oxford University Press, 1966), 5.

²¹ Clarke Garrett, *Respectable Folly: Millenarians and the French Revolution in France and England* (London: The Johns Hopkins University Press, 1975), 13..

²² William Bramley-Moore, *The Church's Forgotten Hope, or Scriptural Studies on the Translation of the Saints*, 2nd ed. (London: George J.W. Pitman, 1903), 165

lugar central na sociedade inglesa, instruindo a igreja e influenciando astrônomos, astrólogos, políticos, economistas, cientistas e historiadores.²³

A INGLATERRA E A BÍBLIA

O século 17 foi descrito como “a grande era do comentário profético”,²⁴ quando a “religião toca a vida em todos os níveis e deixa sua marca de alguma forma em cada indivíduo”.²⁵ Este século testemunhou o aumento da proeminência do puritanismo inglês que foi enraizado na teologia de Wyclif, Tyndale, Knox e Hooper. Caracterizado por adoração simples, moral elevada e excelência acadêmica, o princípio central do puritanismo era a autoridade da Bíblia,²⁶ que, durante séculos, estivera subordinada à autoridade da Igreja Católica Romana. Não é possível, entretanto, identificar “uma perspectiva ortodoxa [puritana]”²⁷ no que diz respeito à escatologia.

Gribben observa como as escatologias amilenista, pré-milenista e pós-milenista “cada uma encontrou expressão dentro do movimento puritano”, enquanto as crenças apocalípticas em geral “permaneceram em um estado de fluxo”. O mesmo pode ser dito em relação a Israel. William Pynchon, Richard Baxter e Alexander Petrie estavam entre aqueles que rejeitaram qualquer sugestão de uma futura conversão e restauração nacional de Israel, enquanto William Perkins, Richard Sibbes e Thomas Parker defendiam o “componente básico”²⁸ da escatologia puritana, a saber, que os judeus se voltariam para Cristo *sem* serem restaurados nacionalmente.²⁹

À medida que o século 17 avançava, tornou-se cada vez mais comum os puritanos discursar sobre a conversão dos judeus, não apenas em comentários bíblicos, mas também em sermões no Parlamento. O mesmo tema foi expresso com mais devoção no *Diretório para o Culto Público de Deus* (1645), no *Catecismo Maior da Assembleia de Westminster* (1648) e em vários diários e biografias puritanas.³⁰

Comentários sobre Daniel e Apocalipse abundaram durante a primeira metade do século 17; até o rei Tiago I teve um interesse pessoal por profecia antes de sua ascensão ao trono. Como Ball escreve:

Na época em que a coroa passou de Tudors para Stuarts, o protestantismo inglês havia desenvolvido uma notável consciência das doutrinas que diziam respeito ao fim dos tempos e à consumação final da história. A última era havia chegado. Esses eram os últimos dias.

Embora a depressão econômica, o estudo acadêmico e um clima revolucionário tenham sido fatores colaborantes, a principal razão pela qual as convicções escatológicas atingiram seu ponto alto entre 1640 e 1660 foi “o sentimento religioso inerente da época, construído sobre as bases

²³ Christopher Hill, *The English Bible and the Seventeenth-Century Revolution* (London: The Penguin Press, 1993).

²⁴ W. H. Oliver, *Prophets and Millennialists: The Uses of Biblical Prophecy in England from the 1790s to the 1840s* (Auckland: Auckland University Press, 1978), 31.

²⁵ Bryan W. Ball, *A Great Expectation: Eschatological Thought in English Protestantism to 1660* (Leiden: E. J. Brill, 1975), 5.

²⁶ Douglas J. Culver, Albion and Ariel: *British Puritanism and the Birth of Political Zionism* (New York: Peter Lang, 1995), 57.

²⁷ Richard W. Cogley, “The Fall of the Ottoman Empire and the Restoration of Israel in the ‘Judeo-centric’ Strand of Puritan Millenarianism,” *Church History*, 72.2 (June, 2003), 305.

²⁸ Gribben, *The Puritan Millennium*, 16, 32, 39.

²⁹ Cogley, “The Fall of the Ottoman Empire,” 306-7.

³⁰ Murray, *The Puritan Hope*, 100-103.

gêmeas da grande tradição histórica da teologia da Reforma e da plena confiança contemporânea na Bíblia como a fonte da verdade revelada.³¹

Todo "Israel" será salvo

Apesar de se libertarem de Roma, os reformadores do início do século 16 não conseguiram remover as algemas do amilenismo agostiniano de sua teologia protestante. A crença em um futuro reinado de Cristo na terra foi condenada por Calvino como "infantil demais para precisar ou valer a pena uma refutação"; em sua opinião, "até um cego" poderia ver "que bobagem estúpida estas pessoas falam".³² No entanto, a referência de Paulo a todo "Israel" sendo salvo (Romanos 11:26), que Lutero e Calvino interpretaram em relação à igreja, foi interpretada por Teodoro Beza, o sucessor de Calvino em Genebra, como significando "judeus não cristãos cuja religião era o judaísmo".³³

Os exilados marianos que fugiram da Grã-Bretanha para outros países do continente europeu durante o reinado da Rainha Maria "a Sanguinária" (1553-1558) não só injetaram "um choque exegético no amilenismo agostiniano convencional"³⁴ com sua escatologia mais otimista, mas forneceram anotações ao texto bíblico que mudou o pensamento de muitos protestantes a respeito de Israel.

É interessante notar que na edição original de 1560 da Bíblia de Genebra, a nota marginal anexada a Romanos 11:26, onde o apóstolo Paulo declara "E assim todo o Israel será salvo", define "Israel" como "toda a nação dos judeus". Essa ênfase na salvação nacional de Israel foi um afastamento notável do amilenismo convencional.³⁵

O Deus Inglês

Em seu estudo do milenarismo inglês do século 17, Bernard Capp afirma que as ideias apocalípticas e milenaristas "se misturaram ao intenso nacionalismo da época e ao conceito calvinista de que apenas uns poucos predestinados, os eleitos, seriam salvos". Por ser o único grande país protestante da Europa, a Inglaterra era vista por muitos de seu povo como "uma nação eleita destinada por Deus a desempenhar um grande papel na destruição de Roma para apressar o fim do mundo ou na instauração do milênio".³⁶ Embora essa crença estivesse "ausente da exegese apocalíptica de Tudor em geral", ela rapidamente ganhou ímpeto após a coroação de Elizabeth I em 1558 e após o retorno dos exilados marianos.

Após a derrota da Armada Espanhola em 1588, a Rainha Elizabeth foi saudada como "uma conquistadora nobre do Anticristo".³⁷ O livro de Thomas Rogers, *Um Diálogo Histórico sobre o Anticristo e o Papa* (1589), foi um dos muitos que expôs essa crença, enquanto "os horizontes das antecipações e aspirações nacionais da Inglaterra tornavam-se globais".³⁸ Perdendo apenas

³¹ Ball, *A Great Expectation*, 23, 7.

³² *Institutes of the Christian Religion*, by Jean Calvin: Vol. III, ed. John T. McNeill (London: SCM Press, 1961), XXV:5..

³³ Peter Toon, "The Latter-Day Glory," in Puritans, *The Millennium and the Future of Israel: Puritan Eschatology 1600-1660*, ed. Peter Toon (Cambridge: James Clarke & Co. Ltd., 1970), 24.

³⁴ Gribben, *The Puritan Millennium*, 57-58.

³⁵ See also Toon, "The Latter-Day Glory," 24

³⁶ Bernard S. Capp, *The Fifth Monarchy Men: A Study in Seventeenth-century English Millenarianism* (London: Faber and Faber, 1972), 33-34.

³⁷ Bauckham, *Tudor Apocalypse*, 87, 128.

³⁸ J. A. de Jong, *As the Waters Cover the Sea: Millennial Expectations in the Rise of Anglo-American Missions 1640-1810* (Kampen: J. H. Kok, 1970), 15.

para a Bíblia em popularidade, e tratada como uma espécie de apêndice a ela,³⁹ estava a obra de John Foxe, *O Livro dos Mártires*, que retratava a luta duradoura entre a falsa e a verdadeira igreja. Dedicado à Rainha Elizabeth I, era “a expressão mais elaborada da expectativa apocalíptica com que os exilados que retornaram a Inglaterra e seu partido saudaram Elizabeth em sua ascensão”.⁴⁰

John Aylmer, um dos marianos exilados e mais tarde bispo de Londres, escreveu um tratado na véspera de seu retorno reunindo apoio para a rainha sob a bandeira: “Deus é inglês”.⁴¹ A Reforma Protestante e a derrota da Armada “intensificaram o senso religioso da nacionalidade inglesa”, com a crença afirmada por muitos de que a Inglaterra era agora o novo “Israel”. Como observa Collinson, “cada tipo e figura bíblica do povo de Deus agora era aplicado à Inglaterra, *ad nauseum*”, como se aqueles que defendiam tal ponto de vista “estivessem vivendo, de certa forma, nas páginas da Bíblia”.⁴² Ninguém expôs essa crença de forma mais eloquente do que Aylmer, que escreveu:

A Inglaterra diz a seus filhos: "Deus tem gerado em mim o maior e mais excelente tesouro que ele tem para seu conforto e para todos os povos. Foi de seu agrado que de meu ventre viesse o servo de Cristo John Wyclif, que gerou Huss, que gerou Lutero, que gerou a verdade. Que maior honra você ou eu poderíamos ter do que ter agradado a Cristo que um segundo nascimento fosse gerado novamente em mim entre vocês?"⁴³

Para milenaristas ingleses como Aylmer, Foxe, Hackluyt e Jewel, “Sião” tornou-se “o símbolo de seu próprio futuro nacional”.⁴⁴

Restauracionismo na Literatura Puritana

Embora Kobler rastreie uma forma embrionária de Restauracionismo até Duns Scotus, William de Occam e John Wyclif, o retorno dos judeus à Terra apenas emergiu como assunto de sério debate teológico⁴⁵ no final do século 16, com a publicação de obras de Andrew Willet (1590) e Thomas Draxe (1608).⁴⁶ No entanto, o homem que muitos rotularam erroneamente de “o pai da Doutrina Britânica da Restauração dos Judeus”⁴⁷ foi “o mais importante presbiteriano inglês”,⁴⁸ Thomas Brightman (1562-1607).

³⁹ Patrick Collinson, *The Birthpangs of Protestant England: Religious and Cultural Change in the Sixteenth and Seventeenth Centuries* (Basingstoke: Macmillan Press, 1988), 12..

⁴⁰ William Haller, *Foxe's Book of Martyrs and the Elect Nation* (London: Jonathan Cape, 1963), 124

⁴¹ Quoted in Haller, *Foxe's Book of Martyrs*, 245. 50 Culver, Albion and Ariel, 79. 51 Thomas Brightman, *A Revelation of the Apocalyps* (Amsterdam: 1611), 212, 633, 624, 634, 652.

⁴² Collinson, *The Birthpangs*, 6-7, 10.

⁴³ Quoted in Haller, *Foxe's Book of Martyrs*, 87-88.

⁴⁴ Franz Kobler, *The Vision Was There: A History of the British Movement for the Restoration of the Jews to Palestine* (London: Lincolns-Prayer Publishers, 1956), 13.

⁴⁵ Em 1586, Ralph Durden propôs levar os judeus de volta à Terra e reconstruir Jerusalém. Francis Kett afirmou que Jesus já estava em Jerusalém e exortou o povo de Deus a ir para lá apressadamente; ele foi condenado por heresia e queimado vivo em 1589. Richard Farnham e John Bull supostamente zarparam em um barco feito de juncos para converter as “tribos perdidas”, enquanto Thomas Tany se proclamou “Rei dos Judeus” antes de tentar conduzi-los de volta para sua pátria. (J.F.C. Harrison, *The Second Coming: Popular Millenarianism 1780-1850* [London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1979], 11-38.)

⁴⁶ Christopher Hill, “*Till the Conversion of the Jews*,” in *Millenarianism and Messianism in English Literature and Thought 1650-1800*, ed. Richard H. Popkin (Leiden: E. J. Brill, 1988), 15-16.

⁴⁷ Kobler, *The Vision Was There*, 16.

⁴⁸ Kenneth G. C. Newport, *Apocalypse and Millennium: Studies in Biblical Eisegesis* (Cambridge: Cambridge University Press, 2000), 24.

Thomas Brightman: Sujando as Águas

Thomas Brightman foi descrito como “o primeiro puritano judaico-centrista”⁴⁹, com base em sua crença de que o milênio seria inaugurado com a conversão dos judeus. Culver sugere que o “tratamento sistemático por excelência da ideia da restauração judaica” foi *Apocalypsis Apocalypseos* de Brightman (1609), publicado em inglês como *Uma Revelação do Apocalipse* (1611) e *Uma Revelação da Revelação* (1615). Ele afirma ainda que o comentário de Brightman contém “o único impulso mais forte na Grã-Bretanha em apoio à doutrina da restauração nacional judaica”.⁵⁰

A escatologia de Brightman, como a escatologia puritana em geral, foi em grande parte transitória no sentido de que se afastou do amilenismo dos reformadores enquanto antecipava o pós-milenismo do unitarista inglês, Daniel Whitby (1638-1726). O comentário de Brightman sobre o Apocalipse, no qual ele alertou sobre uma calamidade prestes a cair sobre a cristandade, é uma mistura de conceitos pré e pós-milenistas. De uma perspectiva pré-milenista, Brightman confinou a Grande Tribulação aos judeus e ao período imediatamente anterior a “seu recebimento novamente na graça”. Ele também relacionou o secamento do rio Eufrates em Apocalipse 16.12 com o retorno dos judeus à Terra, ligando sua conversão à queda da idolatria católica romana; somente então, cria ele, a igreja “provocaria seus irmãos os judeus à fé, eliminando, assim, o impedimento que mais atrapalhava sua conversão”. De uma perspectiva pós-milenar, Brightman falou sobre “os judeus eleitos sendo escolhidos dentro de um povo cristão” e descreveu o retorno de Cristo no final da era milenar. Sobre o cavaleiro no cavalo branco (Apocalipse 19.11-21), ele escreveu:

Não podemos supor que Cristo surgirá em qualquer forma visível; essas coisas estão longe de sua última vinda ... mas ele mostrará aberta e evidentemente uma força incomparável na administração das coisas, como essa figura representa.

Brightman também alegou que Satanás foi amarrado quando Constantino se tornou imperador,⁵¹ e que Constantino era o “filho do homem” referido em Apocalipse 12.5. Gribben sugere que Brightman fez “um avanço impressionante”⁵² na escatologia puritana, alegando que um período milenar já havia sido inaugurado com a pregação de John Wyclif. Brightman acreditava que a partir daquela época os santos haviam começado a reinar com Cristo, um reinado que terminaria no ano de 2300. Ele afirmou ainda que o ano de 1260 “dias” da profecia de Daniel deveriam ser entendidos como anos, que o Anticristo se manifestou na instituição papal, e que a destruição do “iníquo” na segunda vinda de Cristo seria o tempo em que “Cristo levará os judeus à comunhão de sua santa Igreja”.⁵³

Essas crenças são completamente inconsistentes com a escatologia pré-milenar de John Nelson Darby e com o Sionismo Cristão, e são mais bem rotuladas de “pós-milenismo embrionário”.⁵⁴ A descrição de Brightman por Donald Wagner como “o primeiro dispensacionalista pré-milenista futurista” e “o precursor britânico do Sionismo Cristão, um tipo de João Batista neste campo”, é, portanto, histórica e teologicamente insustentável. A afirmação de Wagner de que experimentou “uma sensação de atemporalidade” ao ler Brightman, sentindo que, “além da linguagem e do

⁴⁹ Cogley, “*The Fall of the Ottoman Empire*,” 304-8.

⁵⁰ Culver, *Albion and Ariel*, 79.

⁵¹ Thomas Brightman, *A Revelation of the Apocalyps* (Amsterdam: 1611, 212, 633, 624, 652).

⁵² Gribben, *The Puritan Millennium*, 43..

⁵³ Brightman, *A Revelation*, 657, 644.

⁵⁴ Gribben, *The Puritan Millennium*, 103.

estilo arcaicos, eu poderia estar lendo um volume escrito por Hal Lindsey, Pat Robertson ou Jerry Falwell”⁵⁵ é surpreendente.

Hugh Broughton

Em 1548, o arcebispo Thomas Cranmer nomeou Martin Bucer para o cargo de professor régio de divindade em Cambridge, e Peter Martyr para o mesmo cargo em Oxford. Bucer e Martyr, teólogos da Reforma alemã e italiana, respectivamente, ajudaram a inspirar uma longa tradição de estudos bíblicos que interpretavam “Israel” em Romanos 11 como sendo o Israel étnico, e não a igreja. A tradução do Comentário de Peter Martyr sobre Romanos, publicada em Londres em 1568, foi descrita como o primeiro volume em inglês a expor o tema restauracionista em qualquer extensão. Um estudante de Cambridge que foi influenciado pelo comentário de Martyr foi Hugh Broughton (1549-1612), “o primeiro inglês a se oferecer como missionário aos judeus no Oriente Próximo” e um dos primeiros “a propor a ideia de traduzir o Novo Testamento em hebraico para o bem dos judeus”.⁵⁶ Graduado pelo Magdalene College e um renomado estudioso rabínico e hebraico, Broughton acreditava que o livro do Apocalipse era a contraparte gentia de Daniel, cujas profecias, sustentava ele, limitavam-se aos judeus. Seus comentários sobre Daniel (1596) e Apocalipse (1610) foram “desvios da tradição protestante do passado”.⁵⁷

Broughton pediu a seus compatriotas que confiassem em Deus para a libertação da Armada Espanhola em 1588. Ele também apelou para Elizabeth I, e mais tarde para Tiago I, quando o Rabino Abraham Ruben de Constantinopla pediu ajuda na tradução do Novo Testamento para o hebraico. Broughton foi, sem dúvida, um dos principais precursores do movimento restauracionista, acreditando que a bênção de Deus repousaria sobre a nação que respondesse a um chamado tão nobre.⁵⁸ Em sua súplica a Tiago I, ele escreveu:

O dever para com Deus e o rei me amarra, escrito aos antigos e frequentemente, para despertar a consciência sincera do Rei, que é capaz de oferecer ajuda e, portanto, deve estar mais disposto a ter pena da Nação que nos ensinou a salvação.⁵⁹

Henry Finch

Henry Finch (c.1558-1625) foi oficial jurídico do Rei Tiago I e membro do Parlamento por Canterbury; ele foi nomeado cavaleiro do reino em 1616. Descrito como “um homem de personalidade e realizações extraordinárias”,⁶⁰ ele foi o “vidente mais notável do movimento da Restauração” e “um verdadeiro precursor do Sionismo”.⁶¹ Finch, junto com o editor William Gouge, foi acusado e preso por publicar o que é indiscutivelmente o trabalho restauracionista

⁵⁵ Wagner, *Anxious for Armageddon*, 86-87.

⁵⁶ Murray, *The Puritan Hope*, 42.

⁵⁷ Katherine R. Firth, *The Apocalyptic Tradition in Reformation Britain 1530-1645* (Oxford: Oxford University Press, 1979), 158.

⁵⁸ Hugh Broughton, “*To the Right Honorable, the Temporal Lords of the Queen of Englands most Excellent Privy Councill* (29 July 1599),” in Hugh Broughton, *The Works of the Great Albionean Divine* (London: 1662), 673.

⁵⁹ Hugh Broughton, “*A Supplication to the Kings Majesty, Concerning Piety towards the Jews of our Constantines Town*,” in Broughton, *The Works*, 696.

⁶⁰ Culver, *Albion and Ariel*, 101.

⁶¹ Michael J. Pragai, *Faith and Fulfilment: Christians and the Return to the Promised Land* (London: Vallentine, Mitchell and Company Ltd., 1985), 13.

mais importante da era puritana, *A Grande Restauração do Mundo*, ou *O Chamado dos Judeus, e de todas as Nações e Reinos da Terra, à Fé de Cristo* (1621).⁶²

Apelando aos judeus da Diáspora, Finch declarou: “De todos os lugares da tua dispersão, Leste, Oeste, Norte e Sul, o propósito [de Deus] é trazer-te de volta para casa e casar-te consigo mesmo pela fé para sempre”. Um homem de oração, Finch expressou como “nunca deixaria de orar” pela prosperidade dos judeus:

Prostro-me de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus da glória, e peço para que ele apresse o que falou a seu respeito por meio dos profetas da antiguidade e dos apóstolos enviados por seu filho, pois seus conselhos são sem arrependimento, e seu amor nunca muda.⁶³

Finch fez uma distinção clara entre Israel e a igreja, opondo-se ao inerente supersessionismo da teologia da aliança reformada e amilenista (enraizada na Cidade de Deus de Agostinho), que havia feito “pouca ou nenhuma mudança na disposição dos cristãos”⁶⁴ em relação aos judeus. Como ele explicou:

Onde Israel, Judá, Sião, Jerusalém, etc. são mencionados neste argumento, o Espírito Santo quer dizer que ... Israel descende apropriadamente dos lombos de Jacó. O mesmo julgamento deve ser feito sobre o retorno deles à sua terra e aos seus antigos lugares, sobre a conquista de seus inimigos e a fertilidade de seu solo, sobre a Igreja gloriosa que eles erguerão na própria terra de Judá e seu domínio de longe e de perto. Essas coisas e outras semelhantes não são alegorias, estabelecendo semelhanças terrenas ou libertação por meio de Cristo (dos quais esses eram tipos e figuras), mas significavam real e literalmente promessas aos judeus.⁶⁵

Para desagrado de Tiago I, Finch previu que todas as nações e reis, um dia, estariam sujeitos a um reino judeu restaurado. De acordo com Kobler, “a perseguição que ele teve que sofrer por sua crença no renascimento do povo judeu deu um colorido dramático e trouxe a crescente teoria cristã do retorno dos judeus ao centro das atenções da história”.⁶⁶

A Popularização do Restauracionismo Puritano

Dois dos principais puritanos que propagaram a crença na restauração dos judeus foram Henry Archer e Robert Maton. Archer co-pastoreava uma igreja em Arnhem, Holanda, com Thomas Goodwin, que mais tarde serviu como capelão de Oliver Cromwell. No centro da escatologia de

⁶² Lucien Wolf describes it as an “early manifestation of Zionism.” (Menasseh ben Israel’s Mission to Oliver Cromwell. Being a reprint of the Pamphlets published by Menasseh ben Israel to promote the Re-admission of the Jews to England 1649-1656, ed. Lucien Wolf [London: Macmillan & Co., Limited, 1901], xxi.)

⁶³ Henry Finch, “To all the seed of Jacob, far and wide dispersed. Peace and Truth be multiplied unto you,” in Henry Finch, *The Worlds Great Restauration, or The Calling of the Jewes, and with them of all the Nations and Kingdomes of the Earth, to the Faith of Christ* (London: William Gouge, 1621), preface.

⁶⁴ Isaac Da Costa, *Israel and the Gentiles: Contributions to the History of the Jews from the Earliest Times to the Present Day* (London: James Nisbet and Co., 1850), 467.

⁶⁵ Henry Finch, “A Briefe and Summarie Declaration of the Prophecies of the Old and New Testament, so far as they concerne the calling of the Jewes,” in Finch, *The Worlds Great Restauration*, 6.

⁶⁶ Franz Kobler, “Sir Henry Finch (1558-1625) and the first English Advocates of the Restoration of the Jews to Palestine,” in *The Jewish Historical Society of England: Transactions—Sessions 1945-1951: Vol. XVI* (London: The Jewish Historical Society of England, 1952), 110. ⁶⁷ Henry Archer, *The Personall Raigne of Christ upon Earth* (London: 1642), 10.”

Archer estavam as palavras de Cristo em Atos 1.6-8, que ele acreditava ter confirmado “a opinião dos discípulos sobre um Reino”, mas que corrigiram “seus pensamentos sobre os tempos, quando isso deveria acontecer”.⁶⁷ Archer sustentou que Cristo já havia estabelecido o que chamou de seu reino *providencial* e *espiritual* sobre a terra, e agora Cristo estava preparando a inauguração de seu reinado monárquico sobre a terra. Ele também acreditava que, uma vez que esse último reinado no trono de Davi fosse estabelecido, Cristo retornaria ao céu, confiando seu governo terreno aos santos.

Em 1642, o livro de Robert Maton, *A Redenção de Israel*, foi publicado. Amplamente lido, atraiu oposição orquestrada de Alexander Petrie, ministro da Igreja Escocesa em Rotterdam. Petrie, no espírito de Agostinho, Calvino e da Confissão de Augsburg,⁶⁸ classificou o Restauracionismo de homens como Maton como “tolo e ridículo”, uma “heresia” e “uma velha fantasia judaica e fábula de *Cerinto* (gnóstico do século 1)”.⁶⁹ Maton e os expositores da Bíblia com quem ele se relacionava acreditavam que a verdade sobre a restauração de Israel havia sido suprimida pelo sistema do Anticristo operando na igreja desde o tempo dos apóstolos. Comentando sobre Atos 1.6-8, ele escreveu:

É tão evidente que essas palavras expressam um reino terreno... que nenhum expositor que encontrei o nega e, portanto, vendo que eles não poderiam deixar de abraçar seu sentido, penso que não deveriam tão precipitadamente rejeitar a consequência.⁷⁰

Maton não apenas atacou a “língua estranha” do catolicismo romano, mas também a “estranha interpretação” dos teólogos protestantes que aplicaram os nomes de *Israel*, *Sião* e *Jerusalém* à igreja. Ele cria que não havia “nenhum texto em toda a Escritura em que um gentio fosse chamado de judeu ou israelita; ou onde a Igreja dos gentios é chamada de Israel, Sião ou Jerusalém”.

Froom sugere que com o puritano americano, Grow Mather (1639-1723), “alcançamos o ponto alto da interpretação profética no século 17”.⁷¹ Graduado pelo Trinity College, Dublin, Mather serviu como embaixador da Colônia da Baía de Massachusetts. Em uma série de palestras intituladas. *O Mistério da Salvação de Israel, Explicado e Aplicado* (1669). ele falou sobre um reino triplo no qual Cristo já governava providencial e espiritualmente, e um dia governaria davidicamente quando os judeus fossem restaurados à Terra. De acordo com Mather:

... quando Deus estiver prestes a realizar este grande e glorioso desígnio de sua graça e providência, ele fará com que haja muitas orações por isso e, portanto, ele revelará isso a seus servos, para que possam ser incitados a clamar poderosamente ao Senhor para que realize os intentos de seu coração.

⁶⁷ Henry Archer, *The Personall Raigne of Christ upon Earth* (London: 1642), 10.

⁶⁸ A Confissão de Augsburg (1530) foi a primeira grande confissão protestante. Elaborada por Philip Melancthon, tornou-se definitiva para os luteranos. O artigo 17 condena a escatologia pré-milenar daqueles “que agora estão espalhando certas opiniões judaicas, de que antes da ressurreição dos mortos os piedosos tomarão posse do reino do mundo, os ímpios sendo suprimidos em todos os lugares”.

⁶⁹ Alexander Petrie, *Chiliasto-mastix, or, The Prophecies in the Old and New Testament concerning the Kingdome of our Saviour Jesus Christ, vindicated from the misinterpretationes of the Millenaries and specially of Mr. Maton in his book called Israels Redemption* (Roterdame, 1644), 5-6.

⁷⁰ Robert Maton, *Israel's Redemption, or the Prophetical History of our Saviours Kingdom on Earth* (London: 1642), 3, preface. Maton's response to Petrie was entitled, *Israel's Redemption Redeemed* (1646), and was later republished as *Christ's Personall Reigne on Earth One Thousand Yeares* (1652), and *A Treatise of the Fifth Monarchy* (1655).

⁷¹ Froom, *The Prophetic Faith*: Vol. III, 127.

Ele deu seis razões pelas quais Israel seria salvo como nação: (1) a misericórdia e graça de Deus, (2) a eleição nacional de Israel, (3) o poder de Deus, (4) o cumprimento da profecia, (5) a aliança eterna de Deus com Abraão, e (6) as orações dos santos. Embora Atos 1.6-8 fosse fundamental para sua escatologia,⁷² sua negação de um reino futuro e visível de Cristo na terra foi um afastamento significativo do Restauracionismo do século 17.

Uma obra igualmente popular na Grã-Bretanha foi *A Realização das Profecias das Escrituras*, de Pierre Jurieu (1637-1713), ministro da Igreja francesa em Rotterdam. Este "notável polemista huguenote"⁷³ acreditava que o descanso do dia de sábado prefigurava uma sétima dispensação para a terra, que seria caracterizada pelo reinado visível de Cristo. Era inconcebível para a mente de Jurieu que a igreja pudesse ter cumprido as profecias que foram dadas especificamente a Israel. Como ele exclamou:

Se for assim, certamente todas essas profecias são trapaças; o Espírito Santo enganou esta nação, todos os seus oráculos são falsos e Deus os fez nascer com vãs esperanças; por isso, é insignificante para Deus e os homens dizer que essas promessas foram cumpridas naquele pequeno número de judeus, que foram convertidos ao Cristianismo.... Além disso, devemos observar que o Messias pertence aos judeus, ele foi prometido aos judeus; esta Nação desde sua origem foi alimentada com as esperanças da vinda do Messias.... Resumindo, que todos esses oráculos sejam vistos, e será visto que o povo de Israel deve ser o governante, o escolhido, o povo santo, e que os gentios devem se sentir felizes, porque eles serão incorporados a esse Israel.⁷⁴

Um dos mais notáveis e respeitados estudiosos da Bíblia da era puritana foi Joseph Mede, o "reitor"⁷⁵ do milenarismo inglês e "decano dos comentaristas do século 17".⁷⁶ Seus escritos estavam entre aqueles proibidos pelo antipuritano e antirestauracionista Arcebispo de Canterbury, William Laud. Em um sermão pregado na presença de Tiago I em 19 de junho de 1621, Laud condenou a crença na futura restauração de Israel como "erro dos judeus" e "opiniões monstruosas", citando Sir Henry Finch como o homem que poderia "sonhar mais que os judeus".⁷⁷ O Grande Parlamento suspendeu a proibição de Laud em 1640, aprisionando e depois decapitando o desafortunado arcebispo e pedindo que o comentário de Mede, *Clavis Apocalyptica* (1627), fosse traduzido para o inglês. Este trabalho foi realizado por Richard More e publicado como *A Chave do Apocalipse* ou *A Chave da Revelação* em 1643.

Em seu ensaio, *O Mistério da Conversão de Paulo*, ou *O Tipo de Vocação dos Judeus*, Mede expôs sua marca historicista do pré-milenismo, que estabeleceu o padrão para as gerações futuras.⁷⁸ Ele foi inspirado pelo teólogo e enciclopedista alemão Johann Heinrich Alsted (1588-1638), cujo *Tractatus de Mille Annis* (1618), posteriormente publicado como *Diatribes de Mille Annis Apocalypticis* (1627), foi traduzido para o inglês como *A Cidade Amada* ou *Os Santos Reinam na Terra por Mil Anos* (1643). Embora Mede fosse mais cauteloso em questões escatológicas do que muitos de seus contemporâneos, a restauração dos judeus foi visível em

⁷² Increase Mather, *The Mystery of Israel's Salvation, Explained and Applied: or, A Discourse Concerning the General Conversion of the Israelitish Nation* (London: 1669), 21, 130-31.

⁷³ Oliver, *Prophets and Millennialists*, 39.

⁷⁴ Pierre Jurieu, *The Accomplishment of the Scripture Prophecies, or the Approaching Deliverance of the Church*, 2nd ed. (London: 1687), 298-99.

⁷⁵ Richard H. Popkin, "Introduction," in Popkin, *Millenarianism*, 5.

⁷⁶ Oliver, *Prophets and Millennialists*, 35..

⁷⁷ *The Works of the Most Reverend Father in God, William Laud, D.D., Vol. I: Sermons*, ed. William Scott (Oxford: John Henry Parker, 1847), 19-20.

⁷⁸ de Jong, *As the Waters Cover the Sea*, 25.

seus escritos. Ele acreditava, por exemplo, que a conversão de Saulo na estrada para Damasco prenunciava o retorno dos judeus à Terra e sua subsequente conversão a Cristo.

Em uma carta fascinante para Sir Henry Stuteville, datada de 7 de abril de 1621, Mede defendeu o livro de Sir Henry Finch, *A Grande Restauração do Mundo*, na esteira da controvérsia em torno de sua publicação. Ele insistiu que o monarca da Inglaterra “não precisava ter medo de afirmar e sustentar, que um dia eles [os judeus] virão a Jerusalém novamente; serão Reis e Monarcas e Chefes da Terra; influenciarão e governarão tudo, para a glória de Cristo; que brilhará entre eles”.⁷⁹ Em total contraste com a escatologia futurista do Sionismo Cristão, no entanto, Mede acreditava que o “templo” de 2 Tessalonicenses 2.4 se referia à igreja e não ao Templo de Jerusalém.⁸⁰ No entanto, as obras de Alsted e Mede “sugeriram aos pregadores puritanos que a exegese bíblica sólida exigia que o milênio de Apocalipse 20 fosse visto como no futuro, não no passado ou no presente”.⁸¹

OLIVER CROMWELL E A READMISSÃO DOS JUDEUS

O que torna a forma puritana de restauracionismo tão fascinante é que ela se desenvolveu na ausência de qualquer presença judaica oficial na Inglaterra. Na verdade, a sorte dos judeus tinha sido “peculiarmente miserável”⁸² desde que desembarcaram nas costas inglesas com Guilherme, o Conquistador em 1066. A prosperidade que alcançaram como agiotas, juntamente com o clima antissemita das Cruzadas, despertou fortes sentimentos de inveja, suspeita e ódio em relação a eles. As comunidades judaicas de Norwich e Lincoln, por exemplo, foram submetidas ao notório “libelo de sangue” em 1144 e 1255, após as mortes do jovem Guilherme de Norwich e Hugo de Lincoln, respectivamente. O exílio dos judeus da Inglaterra em 1290 não impediu Geoffrey Chaucer (c. 1343-1400) de contaminar a literatura inglesa com a marca do antissemitismo em seu *Conto da Madre Superior*.⁸³ Da mesma forma, *O Judeu de Malta*, de Christopher Marlowe, e *O Mercador de Veneza*, de William Shakespeare, ajudaram a fomentar sentimento antijudaico ao criar uma caricatura judaica grotesca que garantiu que os judeus continuassem sendo um povo “incessantemente vitimado”.⁸⁴

Depois que Ricardo I embarcou em sua cruzada para a Terra Santa em 1190, as comunidades judaicas na Inglaterra foram submetidas a motins, culminando no massacre de judeus em York em 16 de março de 1190. Durante a Idade Média, os ingleses não apenas ajudaram a propagar a teologia da substituição *adversus Judaeos* (“contra os judeus”), mas formulou uma legislação eclesiástica que manteve o povo judeu em *servitus Judeorum* (“servidão perpétua”). Durante o Quarto Concílio de Latrão em 1215, o Papa Inocêncio III decretou que todos os judeus sob sua

⁷⁹ *The Court and Times of James the First*: Vol. II, ed. Robert Folkestone Williams (London: Henry Colburn, 1848), 250; cf. Joseph Mede, *A Paraphrase and Exposition of the Prophecies of Saint Peter, concerning the Day of Christ's Second Coming*; described in the Third Chapter of his Second Epistle (London: 1642), 9.

⁸⁰ Joseph Mede, *Daniels Weekes: An Interpretation of Part of the Prophecy of Daniel* (London: 1643), 33. In contrast, William Twisse, the renowned prolocutor for the Westminster Assembly of Divines and author of the preface to *The Key of the Revelation*, believed that once the Jews had been restored by God to the Land, the Antichrist, or “Grand Seignior,” would “raise all his power gathered together out of all Nations under him to oppose them, and at first shall prevail.” (William Twisse, “A Preface Written by Doctor Twisse, Showing the Method and Excellency of Mr Mede's Interpretation of this Mysterious Book of the Revelation of Saint John,” in Joseph Mede, *The Key of the Revelation*, trans. Richard More [London: 1643], 9.)

⁸¹ Toon, *Puritans*, 7.

⁸² H. Grattan Guinness, *Light for the Last Days: A Study in Chronological Prophecy*, Revised ed. (London: Morgan & Scott Ltd., 1917), 134.

⁸³ Geoffrey Chaucer, *The Canterbury Tales* (London: Marshall Cavendish Partworks Ltd., 1988), 179.

⁸⁴ Guinness, *Light for the Last Days*, 134.

jurisdição deviam usar um pedaço de linho sobre suas vestes externas como um emblema de identificação. Este decreto foi executado na Inglaterra em 1218 pelo arcebispo de Canterbury nomeado pelo papa, Stephen Langton, que, no Concílio de Oxford em 1222, proibiu os judeus de construir novas sinagogas. Com o surgimento dos banqueiros italianos, ou "usurários do papa", os agiotas judeus não eram mais indispensáveis e, em 1275, Eduardo I aprovou o Estatuto do Judaísmo proibindo os judeus de se envolverem em tais negócios. Em 1290, o destino dos judeus ingleses foi selado quando um édito real foi emitido pedindo a expulsão imediata de todos os judeus da costa britânica. Embora comerciantes sefarditas portugueses como Antonio Fernandez Carvajal (c.1590-1659) tenham recebido direitos de residência em Londres durante o exílio, não houve presença oficial de judeus na Inglaterra até que o édito foi revogado por Carlos II em 1660.

CATIVADO PELO HEBRAICO

À medida que a vida do século 16 na Inglaterra se tornava cada vez mais centrada na Bíblia, "o Antigo Testamento recuperou um lugar de honra ao lado do Novo, e a 'língua de Canaã' falada por Deus aos israelitas tornou-se uma ferramenta de estudos bíblicos muito procurada".⁸⁵ Já em 1530, Henrique VIII havia contratado os serviços do hebraísta italiano Marco Raphael para ajudá-lo em sua disputa com o papa sobre o processo de divórcio contra Catarina de Aragão.⁸⁶ Outros hebraístas, como John Immanuel Tremellius, logo foram empregados em universidades inglesas e "familiarizaram o inglês, pela primeira vez em três séculos, com a existência e a aparência do autêntico judeu".⁸⁷ Na época, os estudiosos puritanos começaram a viajar para a Europa a fim de se sentarem aos pés dos rabinos, "a maioria dos ingleses concordou que Deus falava hebraico",⁸⁸ que eles descreveram como a língua do Éden⁸⁹ e do próprio céu.⁹⁰ Até mesmo o Ato de Uniformidade em 1549, que exigia que todo culto público fosse conduzido em inglês em vez de latim e que estabeleceu o Livro de Oração Comum como a única forma legal de adoração, autorizou de forma efetiva e permanente o uso privado do hebraico naquele país. Esses acontecimentos não escaparam à atenção das comunidades judaicas da Europa, que haviam apoiado amplamente os ingleses durante a luta da rainha Elizabeth contra os espanhóis.

A poesia inglesa provou ser um meio popular para expressar a crescente preocupação com a situação dos judeus. George Herbert e Henry Vaughan produziram "o mais extenso verso anglicano sobre os judeus daquele período"⁹¹ e, ao fazê-lo, refletiram a teologia predominantemente *conversionista* do anglicanismo do início do século 17. Herbert, por exemplo, orou poeticamente "para que algum anjo pudesse soar uma trombeta; na qual a Igreja prostrada sobre seu rosto deveria clamar tão alto, até que seu clamor abafasse o som da trombeta, e por esse grito de seu amado Senhor fosse obtido que sua doce seiva pudesse voltar!"⁹² Aludindo a Romanos 11, Vaughan escreveu sobre seu desejo de "ver a oliveira dar seus próprios ramos", convencido de que:

⁸⁵ David S. Katz, *The Jews in the History of England 1485-1850* (Oxford: Clarendon Press, 1994), 110.

⁸⁶ David S. Katz, *Philo-Semitism and the Readmission of the Jews to England 1603-1655* (Oxford: Clarendon Press, 1982), 10.

⁸⁷ Cecil Roth, *A History of the Jews in England*, 3rd ed. (Oxford: Clarendon Press, 1964), 148.

⁸⁸ Katz, *Philo-Semitism*, 44.

⁸⁹ Nigel Smith, "The Uses of Hebrew in the English Revolution," in *Language, Self and Society: A Social History of Language*, Peter Burke and Roy Porter, eds. (Cambridge: Polity Press, 1991), 56.

⁹⁰ Wilson, *Our Father Abraham*, 128.

⁹¹ Nabil I. Matar, "George Herbert, Henry Vaughan, and the Conversion of the Jews," *Studies in English Literature 1500-1900*, 30.1 (Winter, 1990), 79.

⁹² George Herbert, "The Jews," in *The Works of George Herbert*, ed. F. E. Hutchinson (Oxford: Clarendon Press, 1978), 152

... Aquele que amou tanto o mundo que deu seu único Filho para torná-lo livre, cujo espírito também lamenta e se aflige por ver o homem perdido, por esse antigo amor removerá o veu da escuridão de seu coração.⁹³

No entanto, foi a polêmica alimentada por extremistas sabatistas, como John Traske (c.1585-1636), que acreditavam que os cristãos eram obrigados a guardar algumas das leis de Moisés, que provou ser o catalisador para o primeiro debate público na Inglaterra desde 1290 sobre o relacionamento entre cristãos e judeus.⁹⁴

À medida que o século 17 avançava, o apelo à tolerância religiosa, conforme estabelecido no tratado de Leonard Busher, *Paz religiosa* ou *Um apelo pela liberdade de consciência* (1614), tornou-se mais alto. Durante os anos do *Interregnum* (1649-1660), o estudo do hebraico bíblico foi estimulado pela expectativa “de que os judeus pudessem retornar à Inglaterra, como um prelúdio para a segunda vinda de Cristo”.⁹⁵ Em seu panfleto, *Uma Apologia pela Honrosa Nação dos Judeus e todos os Filhos de Israel* (1648), Edward Nicholas indiciou os ingleses por seus crimes contra “a nação mais honrada do mundo”.

Citando a profecia de Jeremias de que “todos os que te devoram serão devorados” (Jeremias 30:16), Nicolau afirmou que muitas das calamidades que aconteceram à Inglaterra foram devidas “à transcendência deste pecado”.⁹⁶ Ele avisou que sem arrependimento nacional Deus retiraria seu favor e proteção. Em seu panfleto, ele também descreveu “as muitas promessas feitas por Deus pela boca de seus profetas” a respeito do retorno dos judeus a “seu próprio país”. Ezequiel 37 era a prova, segundo ele, de que a Terra de Israel era “legalmente deles, pela doação do próprio Deus”, mas que “a restauração e a habitação de seu país aqui na Terra” “ainda estavam para ser cumpridas”.⁹⁷

Em 1649, os puritanos ingleses, Joanna Cartwright e seu filho Ebenezer, conclamaram a Inglaterra a readmitir os judeus apresentando a Lord Fairfax a *Petição dos Judeus pela Revogação da Lei do Parlamento para seu Banimento da Inglaterra*. Esta primeira petição de readmissão judaica encorajou a Inglaterra a ser “a primeira e a mais pronta nação a transportar os filhos e filhas de Israel em seus navios à Terra prometida de seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó por herança eterna”.⁹⁸

Menasseh Ben Israel

De acordo com Lucien Wolf, Menasseh ben Israel (1604-1657) “deve sempre ocupar o lugar principal na primeira página da história da atual comunidade anglo-judaica. Após a matança de judeus na Europa Oriental no rescaldo da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), Ben Israel, o rabino-chefe de Amsterdã, pediu ajuda a Oliver Cromwell. Em seu apelo, ele falou da esperança judaica de restauração de sua antiga pátria:

Pois concebi que nossa dispersão universal foi uma circunstância necessária, a ser cumprida antes que se cumprisse tudo o que o Senhor prometeu ao povo dos judeus, a

⁹³ Henry Vaughan, “*The Jews*,” in *The Works of Henry Vaughan*, 2nd ed., L. C. Martin, ed. (Oxford: The Clarendon Press, 1957), 499-500.

⁹⁴ Katz, *The Jews*, 112.

⁹⁵ Smith, “*The Uses of Hebrew*,” 52.

⁹⁶ Edward Nicholas, *An Apology for the Honourable Nation of the Jews, and all the Sons of Israel* (London: 1648), 4-5.

⁹⁷ Nicholas, *An Apology*, 7-9.

⁹⁸ Tuchman, *Bible and Sword*, 121.

respeito de sua restauração, e seu retorno novamente para sua própria terra, de acordo com estas palavras, Dan.12,7 ... E eu não sabia, que o Senhor, que freqüentemente trabalha por meios naturais, poderia ter me designado e escolhido para realizar este trabalho. Com estas propostas, portanto, apliquei-me, com todo zelo e afeição à Nação Inglesa, felicitando a sua gloriosa liberdade de que hoje gozam.⁹⁹

A obra mais famosa de Ben Israel, *A Esperança de Israel* (1650), foi inspirada pelo explorador Antonius Montezinus, que, em 1644, convenceu-o de que os primeiros habitantes da América descendiam das chamadas “tribos perdidas” de Israel, e que muitos outros descendentes foram localizados em outras partes do mundo, particularmente na América do Sul.¹⁰⁰ Traduzido por Moses Wall para o benefício daqueles que esperavam pela redenção de Israel,¹⁰¹ *A Esperança de Israel* foi dedicado “ao Parlamento, a Suprema Corte da Inglaterra, e ao Meritíssimo Conselho de Estado”. Ben Israel sentiu-se encorajado pela correspondência que trocou durante vários anos com o eminente inglês John Dury, que lhe garantiu que a readmissão dos judeus fora considerada favoravelmente. Ele também se correspondeu com o protestante alemão Henry Oldenburg, posteriormente secretário da Royal Society e genro de Dury. Em uma carta a Ben Israel, datada de 4 de agosto de 1657, Oldenburg expressou “o amor” que sentia “pelo bem-estar” do povo judeu. Ao descobrir um trabalho inédito na França intitulado, *Aqueles que Despertam o Amanhecer*, que falava com ternura da restauração de Israel, ele escreveu:

Eu, de minha parte, honrado Sr., estou convencido de que aquelas profecias que foram feitas a vocês nos livros de Moisés e dos Profetas a respeito de seu retorno à terra de Judá e sobre sua felicidade perene nela não foram de forma alguma cumpridas em seu retorno do cativeiro da Babilônia. De fato, embora a Terra Santa tenha sido recuperada naquela época, vocês nunca desfrutaram daquela liberdade e daquele estado florescente que as profecias anunciavam ... Portanto, deve-se concluir que elas acontecerão no futuro .

Para não despertar oposição da comunidade ortodoxa em Amsterdã, que se opunha a qualquer agência humana envolvida na restauração de Israel, Ben Israel enviou seu filho Samuel e seu cunhado David Dormido para Inglaterra em 1654 com sua petição para a readmissão dos judeus . Apesar do apoio de Cromwell, a petição foi rejeitada. Ben Israel decidiu viajar para Inglaterra e, escrevendo aos seus parentes em 2 de setembro de 1655, assegurou-lhes que a Inglaterra não era mais “nossa velha inimiga, mas havia mudado a religião papal e se tornado grandemente afeiçoada à nossa nação”.¹⁰² Em 31 de outubro de 1655, ele apresentou seu *Humilde Discurso ... em Nome da Nação Judaica* ao Lorde Protetor, na esperança de assegurar a liberdade de seu povo de orar em sua própria sinagoga, “e além de pedir também uma bênção sobre esta nação, e o povo da Inglaterra, por nos receber em seu seio e consolar Sião em sua aflição”.

Ben Israel observou como “a opinião de muitos cristãos e a minha concordam neste ponto: que ambos acreditamos que o tempo de restauração de nossa nação em seu país natal está muito próximo”. Ele sabia que, de acordo com a profecia bíblica, os judeus deveriam ser dispersos por todas as nações antes que o Messias viesse e os restabelecesse na Terra e, portanto, acreditava

⁹⁹ Menasseh ben *Israel's Mission*, ed. Wolf, vii, xvi..

¹⁰⁰ Shalom Goldman, “Introdução”, em hebraico e a Bíblia na América: os primeiros dois séculos, ed. Shalom Goldman (Londres: University Press of New England, 1993), xiv-xv. O interesse puritano nas “tribos perdidas” pode ser rastreado até um ensaio do embaixador da Rainha Elizabeth na Rússia, Giles Fletcher, que foi impresso no livro de Samuel Lee, *Israel Redux*: ou, a Restauração de Israel (1677).

¹⁰¹ Menasseh ben Israel, *The Hope of Israel*, 2nd ed., trans. Moses Wall (London: 1651), preface; cf. Moses Wall, “Considerations upon the Point of the Conversion of the Jewes,” in Ben Israel, *The Hope of Israel*, 50

¹⁰² *Anglo-Jewish Letters* (1158-1917), ed. Cecil Roth (London: The Soncino Press, 1938), 48-51.

que era imperativo que os judeus retornassem à Inglaterra.¹⁰³ Cromwell deu as boas-vindas à petição, compartilhando muitas das convicções do rabino,¹⁰⁴ e em 4 de dezembro de 1655 convocou uma conferência em Whitehall para considerar a readmissão dos judeus. Esta reunião de estadistas, advogados, mercadores e teólogos foi descrita como “o ápice do movimento filosemita inglês”.¹⁰⁵

Embora nenhuma decisão tenha sido alcançada em Whitehall, Cromwell mostrou “uma inclinação favorável para que abrigássemos os judeus aflitos (professando que não tinha compromissos a não ser com os fundamentos das Escrituras) em vários discursos que fez”.¹⁰⁶ Apesar de não rescindir oficialmente o edito de expulsão de 1290, uma oposição significativa surgiu na forma de uma guerra de panfletos, orquestrada por William Prynne.¹⁰⁷ Em sua própria narrativa dos procedimentos de Whitehall, Henry Jesse expressou sérias preocupações de que, se o povo judeu não fosse readmitido imediatamente, “o Senhor pode mostrar seu grande desagrado contra a Inglaterra”.¹⁰⁸ Finalmente, após a restauração da monarquia em 1660, os judeus foram oficialmente recebidos de volta à Inglaterra e receberam a proteção do rei.

O POVO DA QUINTA MONARQUIA

Para aqueles que se tornaram conhecidos como o Povo da Quinta Monarquia,¹⁰⁹ o reinado milenar de Cristo foi seu grito de guerra e a Lei de Moisés seu estandarte.¹¹⁰ Opondo-se à monarquia de Carlos I e mais tarde ao Protetorado de Oliver Cromwell, eles procuraram estabelecer um Sinédrio de santos que traria a Inglaterra à sujeição total a Cristo, o único monarca verdadeiro. Em sua maioria batistas e independentes, eles pronunciaram o julgamento de Deus sobre o mundo enquanto se asseguravam de um papel especial no reino vindouro.¹¹¹ Os Quintos Monarquistas acreditavam que estavam cumprindo o sonho de Nabucodonosor a respeito da rocha que destroi a estátua dos quatro impérios e enche a terra (Daniel 2.29-45). Na obra *Ruína e Queda do Pequeno Chifre*; ou, *Uma Profecia das Escrituras do Rei Tiago e do Rei Carlos, e deste atual Parlamento* (1651), Mary Cary entendeu a restauração das doze tribos de Israel como parte integrante do estabelecimento do reinado de Cristo na terra. Nathaniel Homes insistiu que a “mais distinta” nação dos judeus:

... não desaparecerá para ser transformada em outro povo, ou para ser erroneamente afogada, como um ingrediente entre muitos outros extinguindo seu nome e Genealogias.

Homes acreditava, no entanto, que o futuro do povo judeu estava em última instância dentro de uma igreja universal e glorificada na terra, sustentando que sua conversão e restauração

¹⁰³ Menasseh ben Israel's Mission, ed. Wolf, 78-79.

¹⁰⁴ In his speech at Whitehall to the Nominated Parliament on 4 July 1653, Cromwell referred to Psalm 68 and declared that “it may be, as some think, God will bring the Jews home to their station from the isles of the sea.” (Wilbur Cortez Abbott, *The Writings and Speeches of Oliver Cromwell*: Vol. III [Cambridge, MA: Harvard University Press, 1945], 65.)

¹⁰⁵ Katz, *Philo-Semitism*, 196.

¹⁰⁶ Henry Jesse, *A Narrative of the Late Proceedings at Whitehall, Concerning the Jews* (London: 1656), 10.

¹⁰⁷ Menasseh ben *Israel's Mission*, ed. Wolf, 107-47.

¹⁰⁸ Jesse, *A Narrative*, 7.

¹⁰⁹ They included Mary Cary, John Carew, John Tillinghast, Thomas Harrison, Robert Overton, Christopher Feake, John Canne, Vavasor Powell, John Rogers, Thomas Venner, John Spittlehouse, and William Aspinwall.

¹¹⁰ Capp, *The Fifth Monarchy Men*, 14.

¹¹¹ Harrison, *The Second Coming*, 183.

preparariam o caminho para a “Quinta Monarquia dos Santos reinando na terra sob a autoridade de Cristo”.¹¹²

O pregador itinerante galês e quinto monarquista, Vavasor Powell (1617-1670), concluiu sua *Concordância Útil para a Bíblia Sagrada* com uma seção intitulada, “Uma Coleção de Profecias concernentes ao Chamado dos Judeus, e a Glória que Haverá nos Últimos Dias”. Citando inúmeras profecias, Powell declarou que a nação judaica “será reunida de todas as partes da Terra onde os judeus estão agora dispersos, e levada para sua própria terra”; que Jesus Cristo “aparecerá à frente deles”, e que, tendo sido restaurados e “convertidos à fé de Cristo”, os judeus “serão constituídos em um estado e terão Juizes e Conselheiros sobre eles como antigamente”. Ele acreditava que a própria Terra “se tornará extremamente frutífera”, que “Jerusalém será reconstruída e, após a total restauração dos judeus, nunca mais será destruída nem infestada de Inimigos”, e que pouco antes de sua conversão “haverá grandes guerras, confusão e desolação por toda a Terra”.¹¹³ Powell viu a restauração e a conversão do povo de Deus como precursores do reinado milenar de Cristo. Sua concordância foi recomendada pelo teólogo puritano, capelão e “pregador favorito”¹¹⁴ de Cromwell, John Owen (1616-1683).

Mais do que qualquer outro movimento durante esse período, o Quinto Monarquista representou “a fusão total da teologia milenarista e do extremismo político”.¹¹⁵ Thomas Harrison e Robert Overton serviram sob o comando de Cromwell no Novo Exército Modelo, e estavam entre os primeiros a se alistar na batalha para estabelecer o governo milenar de Cristo na terra. Como Ball escreve: “Foi a espada que separou os Quintos Monarquistas. A militância era sua marca.”¹¹⁶ Esse bando “amorfo”¹¹⁷ de milenaristas, com sua escatologia superpreterista, enviou ondas de choque por toda a Inglaterra. O milenarismo não era mais propriedade da nação, mas de um partido, tendo caído nas mãos daqueles “que rejeitavam a mediação do rei, bispo ou príncipe”.¹¹⁸ Apesar dos escritos de filo-semitas como Henry Archer e Robert Maton, “os judeus ficaram em segundo plano”¹¹⁹ quando o reinado espiritual de Cristo foi enfatizado e a futura restauração de Israel minimizada. Em 1661, no entanto, o “Quinto Monarquismo como um credo revolucionário estava morto”.¹²⁰

Sabbatai Zevi

Muitos puritanos ficaram irritados depois que rumores vieram de Constantinopla em 1648 de que o místico judeu, Sabbatai Zevi (1626-1676), havia pronunciado publicamente o inefável nome de Deus, declarando a si mesmo como sendo o Messias. Respondendo a esses rumores, Henry Oldenburg escreveu ao filósofo holandês Baruch Spinoza em 8 de dezembro de 1665:

¹¹² Nathaniel Homes, *The Resurrection Revealed: or The Dawning of the Day-Star*, prestes a surgir, e irradiar uma glória incomparável visível, como nunca vista antes, desde a Criação, sobre a Igreja Universal na Terra, por mil anos ainda por vir, antes do Dia final, do Juízo Geral: para a ressurreição dos judeus, e à ruína de todos os poderes anticristãos e seculares, que não amam os membros de Cristo, se submetam às suas Leis e promovam seu interesse neste Projeto (Londres: 1654), 83-84, 505.

¹¹³ Vavasor Powell, *An Useful Concordance to the Holy Bible*, with the various Acceptations contained in the Scriptures, and Marks to distinguish Commands, Promises, and Threatenings. Also a Curious Collection of Similies, Synonymous Phrases, and Prophecies, relating to the Call of the Jews, and the Glory that shall be in the Latter Days, 2nd ed. (London: n.d.), 543.

¹¹⁴ Gribben, *The Puritan Millennium*, 151.

¹¹⁵ *Puritans*, ed. Toon, 66.

¹¹⁶ Ball, *A Great Expectation*, 185.

¹¹⁷ Gribben, *The Puritan Millennium*, 50.

¹¹⁸ William M. Lamont, *Godly Rule: Politics and Religion, 1603-60* (London: Macmillan and Co. Ltd., 1969), 107.

¹¹⁹ Hill, “*Till the Conversion of the Jews*,” 21.

¹²⁰ Christopher Hill, *The Experience of Defeat* (London: Faber & Faber, 1984), 66.

Todos aqui comentam o boato de que os israelitas, espalhados por mais de dois mil anos, estão prestes a retornar à sua terra natal. Poucos aqui acreditam nisso, mas muitos desejam isso... Quanto a mim, não posso acreditar enquanto a notícia não for confirmada por homens de confiança em Constantinopla... a qual, se confirmada, deve fazer com que todas as coisas no mundo sejam mudadas.¹²¹

Tendo declarado sua intenção de levar os judeus de volta à sua antiga pátria, Zevi definiu 1666 como o ano da restauração. O renomado Samuel Pepys (parlamentar famoso por seu diário) estava entre os que ficaram irritados. No entanto, uma segunda guerra com a Holanda (1665-1667), a Peste Negra (1665) e o Grande Incêndio de Londres (1666) desviaram a atenção da Inglaterra desse pseudomessias. O fervor messiânico finalmente se extinguiu em 1666, quando Zevi foi preso pelos otomanos e convertido ao islamismo.¹²² Nos cem anos seguintes, pouco interesse foi mostrado na restauração dos judeus, e poucos livros escritos sobre o assunto, como o “credo mínimo”¹²³ do Iluminismo que violou a autoridade e inspiração da Bíblia. Embora a escatologia “tenha passado por tempos difíceis”¹²⁴ durante esse período, ainda havia aqueles que mantiveram fielmente a tocha pré-milenar acesa.

O DESPERTAR DO SÉCULO 18

Um dos principais portadores da tocha do século 18 foi o Bispo Thomas Newton (1704-1782). Na sétima de suas vinte e seis dissertações sobre as profecias (1754), Newton se maravilhou com a singularidade da nação judaica, que, “como a sarça de Moisés, sempre esteve queimando, mas nunca foi consumida”. Ele insistiu que se os julgamentos de Deus tivessem sido derramados sobre Israel ao pé da letra, então também seriam Suas bênçãos prometidas; Deus foi fiel e verdadeiro. Observando como os judeus foram “usados e perseguidos da maneira mais cruel” nos “piores países papistas”, ele acreditava que era responsabilidade da verdadeira igreja “escolher ser dispensadora da misericórdia de Deus do que executores de seus julgamentos”.¹²⁵ É interessante notar que um artigo escrito por Newton foi incluído em uma série de excertos publicados para a instrução e aperfeiçoamento dos jovens. Acreditando que o cumprimento das profecias relacionadas a Israel era um “argumento irrespondível para a verdade da Bíblia”, ele escreveu:

E que coisa maravilhosa é que, depois de tantas guerras, batalhas e cercos, depois de tantos incêndios, fomes e pestes, depois de tantas rebeliões, massacres e perseguições, depois de tantos anos de cativeiro, escravidão e miséria, eles não estão totalmente destruídos e, embora espalhados entre todos os povos, ainda subsistem como um povo distinto por si mesmos? Onde algo comparável a isso pode ser encontrado em todas as histórias e em todas as nações debaixo do sol? ¹²⁶

¹²¹ Kobler, *The Vision Was There*, 33-34; cf. Gershom Scholem, *Sabbatai Sevi: The Mystical Messiah 1626-1676*, trans. R. J. Zwi Werblowsky (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1973), 101-2, 333-36.

¹²² Da Costa, *Israel and the Gentiles*, 474-84.

¹²³ John Arthur Oddy, *Eschatological Prophecy in the English Theological Tradition c.1700 - c.1840* (PhD: University of London, 1982), 35. 8.

¹²⁴ Gribben, “*Introduction: Antichrist in Ireland*,”

¹²⁵ Thomas Newton, *Dissertations on the Prophecies, which have remarkably been fulfilled, and at this time are fulfilling in the world*: Vol. I (London: 1754), 191, 242.

¹²⁶ Thomas Newton, “*The Fulfilment of the Mosaic Prophecies Concerning the Jews as Unanswerable Argument for the Truth of the Bible*,” in Vicesimus Knox, *Elegant Extracts: or, Useful and Entertaining Passages in Prose, Selected for the Improvement of Young Persons*, 8th ed. (London: [1803]), 234.

Em 1721, Joseph Perry publicou seu livro sobre o reinado milenar de Cristo, destacando a iminência da Segunda Vinda e do precedente tempo de sofrimento de Jacó. Ele também enfatizou a importância de Atos 1.6-8, insistindo que não havia “nada na resposta” dada aos discípulos “que indicasse uma repreensão de Cristo”.¹²⁷ Samuel Collet dedicou seu próprio *Tratado da Restauração Futura dos Judeus e Israelitas para sua Própria Terra* (1747) aos judeus:

... para mostrar que vocês, que agora estão dispersos entre as nações, em pouco tempo, com o restante dos israelitas, serão restaurados em sua própria terra e desfrutarão nela a maior prosperidade e que, por seu intermédio, todas as nações serão abençoadas.¹²⁸

Provavelmente, a obra mais significativa desse período foi *Observações sobre as Profecias relacionadas à Restauração dos Judeus* de Joseph Eyre (1771). Escrito em resposta à abordagem alegórica do Bispo William Warburton às Escrituras, que negava a futura restauração de Israel, o trabalho de Eyre foi listado no *Dicionário de Escritores sobre as Profecias* de Joshua Brooks (1835). No período posterior ao Despertamento Evangélico, Eyre lembrou à igreja que o novo amanhecer falado pelos profetas:

... parece-me não ser aplicável a qualquer estado do Cristianismo que já existiu, mas relaciona-se com a conversão e restauração do Israel literal, os judeus e as dez tribos, nos últimos tempos, e com o reinado de Cristo quando a igreja for triunfante; antes desse período do qual eu me considero ser apenas um *militante* de igreja, seja sofrendo perseguição ou lutando contra a heresia, o erro e a superstição. Dizer que o reino do CÉU, de CRISTO ou de DEUS, (todos os quais são termos sinônimos) já chegou, embora isso seja afirmado pela maioria de nossos escritores teológicos, é em meu julgamento uma posição de forma alguma de acordo com as Escrituras.

Em seu livro, Eyre citou muitas profecias “para refutar a opinião daqueles que negam qualquer futura Restauração *de Israel*”. Ele descreveu Ezequiel 36-39 como “a profecia mais longa e completa de toda a Bíblia, concernente à futura restauração de Judá e Israel” e expressou indignação para com os “comentaristas metafóricos” que, se permitido, “tornariam todas as passagens sagradas ininteligíveis e incertas”. Identificando “os eleitos” em Mateus 24.22 como judeus, ele enfatizou a importância de Atos 1.6-8 com estas palavras:

Agora, pode-se imaginar que se os apóstolos tivessem cometido um erro de tal consequência, nosso Senhor não teria se esforçado para corrigi-los, e respondido de modo semelhante como ele fez aos saduceus: Vocês erram, não conhecendo as Escrituras.... Se, portanto, o reino nunca será restaurado a Israel, nosso Senhor aqui informou seus apóstolos que Deus colocou em seu próprio poder os tempos e as estações daquilo que nunca aconteceria; mas esta é uma maneira de falar que é inconsistente com o bom senso: quanto mais com a sabedoria divina!¹²⁹

Em sua *Dissertação sobre as Profecias relativas à Restauração Final dos Judeus* (1784), o reitor e historiador da Igreja da Inglaterra, Edward W. Whitaker (1752-1818), sugeriu que a chave para a compreensão da profecia bíblica estava na distinção entre as Alianças Abraâmica e Sinaítica,

¹²⁷ Joseph Perry, *The Glory of Christ's Visible Kingdom in This World, asserted, proved, and explained, in its two-fold branches; first spiritual, secondly personal* (Northampton: 1721), 157..

¹²⁸ Samuel Collet, *A Treatise of the Future Restoration of the Jews and Israelites to Their Own Land. With some Account of the Goodness of the Country, and their Happy Condition there, till they shall be Invaded by the Turks: With their Deliverance from all their Enemies, when the Messiah will establish his Kingdom at Jerusalem, and bring in the last Glorious Ages. Addressed to the Jews* (London: 1747), iii

¹²⁹ Joseph Eyre, *Observations upon the Prophecies relating to the Restoration of the Jews* (London: 1771), viii-ix, 48, 53, 121-22.

a primeira contendo “uma garantia absoluta de posse eterna e uma concessão, nunca derrotada, da terra prometida a Abraão e sua semente”.¹³⁰ Em suas *Observações sobre os Sinais dos Tempos* (1798), Edward King argumentou que o mundo cristão era “muito atrasado para acreditar e apreender o que realmente está escrito” sobre a volta de Cristo, tendo sido “cegado por seu hábito constante de contender contra os judeus”. Ele acusou teólogos de fazer uma “aplicação mística presunçosa” das promessas de Israel à igreja e de não entender que os judeus deveriam ser restaurados à Terra antes de sua conversão e “em um tempo de grande dificuldade”. Ele acrescentou: “Aproximamo-nos dos últimos dias! — Eu tremo enquanto escrevo!”¹³¹ Embora Whitaker e King não devam ser espremidos em um molde sionista cristão, sua inclusão serve para enfatizar uma mudança na teologia evangélica do século 18, que pavimentou o caminho para uma forma mais desenvolvida de Restauracionismo no século 19.

Evangélicos com mentalidade missionária, como William Cooper, Henry Hunter,¹³² e Claudius Buchanan, o “principal apologista anglicano de missões entre judeus”¹³³, fizeram muito para estimular o interesse pelo povo judeu. Cooper, um aprendiz de encadernador de Londres, frequentemente se dirigia a congregações de judeus e gentios em Whitechapel, Londres, e era um convidado regular da *Revista Missionária Escocesa*. Ele reconheceu a prioridade de Israel na salvação, incluiu a si mesmo entre os “cães gentios” e exortou a seus companheiros cristãos a ver “o antigo Israel de Deus” com “deleite arrebatador e veneração”. Em seu sermão, *A Semente Prometida* (1796), ele declarou:

É evidente a partir de sua condição atual, que é nada menos do que um milagre permanente, que eles foram preservados para algum evento muito extraordinário... Olhe para um judeu e você verá um milagre; - sua nação está estampada em seu semblante; e é uma nação honrada... Olhe para um judeu e você é uma testemunha do cumprimento de todas as ameaças de Moisés e dos profetas. Contemple um judeu e você verá uma expectativa do cumprimento das Escrituras e um monumento de sua veracidade; pois o tempo virá, espero que esteja próximo, em que todo o Israel será salvo.¹³⁴

Frequentemente citado nos escritos milenares dos séculos 18 e 19 é o trabalho do estimado erudito bíblico e bispo, Samuel Horsley (1733-1806). Descrito como “o principal expoente da ortodoxia” e “o mais ilustre porta-voz da Igreja na década da Revolução Francesa”,¹³⁵ ele talvez seja mais lembrado por sua controvérsia com o ministro unitarista Joseph Priestley. Em sua exposição de Oséias, Horsley procurou corrigir o “grande erro” dos “expositores mais eruditos”, ou seja, seu “preconceito” de longa data contra “a futura exaltação da nação judaica”. Ele acreditava que, ao aplicar as profecias “anormalmente” à igreja, os estudiosos “envolveram os escritos de todos os profetas em uma obscuridade dez vezes maior, e os de Oséias mais do que tudo mais”. Horsley afirmou que a espiritualização da profecia bíblica “obteve uma moeda geral no mundo... apoiada pela autoridade de grandes nomes”, embora dentro de seus próprios círculos.

¹³⁰ Edward Whitaker, *A Dissertation on the Prophecies relating to the Final Restoration of the Jews* (London: 1784), 32..

¹³¹ 131 Edward King, *Remarks on the Signs of the Times* (London: 1798), 23-27

¹³² Henry Hunter, *The Rise, Fall, and Future Restoration of the Jews* (London: 1806).

¹³³ de Jong, *As the Waters Cover the Sea*, 195.

¹³⁴ William Cooper, *The Promised Seed: A Sermon, Preached to God's Ancient Israel, the Jews, at Sion-Chapel, Whitechapel, on Sunday afternoon, August 28, 1796*, 3rd ed. (London: 1796), 14, 9, 34; cf. Christ the True Messiah: A Sermon, Preached, at Sion-Chapel, Whitechapel, to God's Ancient Israel, the Jews, on Sunday, August 28, 1796 (London: 1796); Daniel's Seventy Weeks: A Sermon Preached at Sion-Chapel, on Sunday afternoon, September 18, 1796, to the Jews, 3rd ed. (London: 1796).

¹³⁵ Sheridan Gilley, “The Church of England in the Nineteenth Century,” in *A History of Religion in Britain*, Sheridan Gilley and W. J. Sheils, eds. (Oxford: Blackwell, 1994), 294.

... tivesse sido há muito tempo a convicção de nossos melhores estudiosos bíblicos e teólogos mais hábeis, de que a restauração dos judeus é um artigo principal da profecia, sendo, de fato, um ramo principal do grande esquema de redenção geral.¹³⁶

CONCLUSÃO

Franz Kobler descreveu apropriadamente a era puritana como “o berço”¹³⁷ do Restauracionismo. O renascimento do interesse cristão no povo judeu e nas profecias bíblicas relativas ao seu retorno a *Eretz Yisrael* deveu muito à restauração da autoridade bíblica na igreja após séculos de opressão católica romana. No entanto, o pré-milenismo dispensacionalista que John Nelson Darby defendeu não foi antecipado pelos puritanos ingleses. Certas vertentes de sua escatologia eram claramente evidentes nos escritos de homens como Sir Henry Finch e Hugh Broughton, mas o Sionismo Cristão como um todo não apareceu até a convalescença de Darby em Dublin, quando a distinção fundamental entre Israel e a igreja, junto com uma interpretação futurista dos últimos dias, entrou em foco. À medida que o século 18 se aproximava do fim, eventos na França e no Oriente Médio conspiraram para transformar o cenário político da Europa, convencendo muitos na igreja de que a profecia bíblica era a única base para interpretar corretamente os sinais dos tempos.

Esta seção ficaria incompleta sem a menção de dois irmãos que foram levantados por Deus no século 18 para reviver uma nação moribunda e perfurar a consciência de uma igreja adormecida. Sem John Wesley (1703-1791) e seu irmão Charles (1707-1788), quase certamente não teria havido nenhum Despertamento Evangélico na Grã-Bretanha. Um dos legados dos irmãos Wesley foi um amor renovado pelas Escrituras, que pavimentou o caminho para o interesse evangélico do século 19 na profecia bíblica e na prometida restauração dos judeus. Embora a escatologia dos irmãos Wesley não seja clara, o seguinte trecho de um de seus hinos, que John Wesley incluiu em sua *Coleção de Hinos, Para o Uso do Povo chamado Metodistas* em 1779, sugere que eles tinham mais do que um interesse passageiro na nação judaica. O hino aparece em uma seção intitulada, “Para os judeus”:

Nós sabemos que isto se cumprirá,
Pois Deus falou a palavra:
Todo o Israel possuirá o Salvador,
Ao primeiro estado restaurado:
Reconstruído por sua ordem,
Jerusalém se levantará;
Seu templo em Moriá se erguerá
Novamente, e tocará os céus.

Envia então teus servos,
Para chamar a casa dos hebreus;
Do Leste e Oeste, do Sul e do Norte,
Que todos os errantes venham:
Onde em terras desconhecidas
Os fugitivos permanecem,
Peça a cada criatura para ajudá-los,

¹³⁶ Samuel Horsley, *Biblical Criticism on the first fourteen Historical Books of the Old Testament; also, on the first nine Prophetical Books*: Vol. II, 2nd ed. (London: Longman, Brown, Green, & Longmans, 1844), 135, 153.

¹³⁷ Kobler, “Sir Henry Finch,” 119.

O Monte Sagrado ganhar.

Uma oferenda ao seu Senhor,
Que todos sejam vistos,
Aspergidos com água e sangue,
Na alma e no corpo limpos:
Com as miríades de Israel seladas,
Que todas as nações se encontrem,
E mostre o mistério cumprido,
A família completa! ¹³⁸

¹³⁸ John Wesley, *A Collection of Hymns, For the Use of the People called Methodists* (London: Wesleyan Conference Office, n.d.), 423-24.”